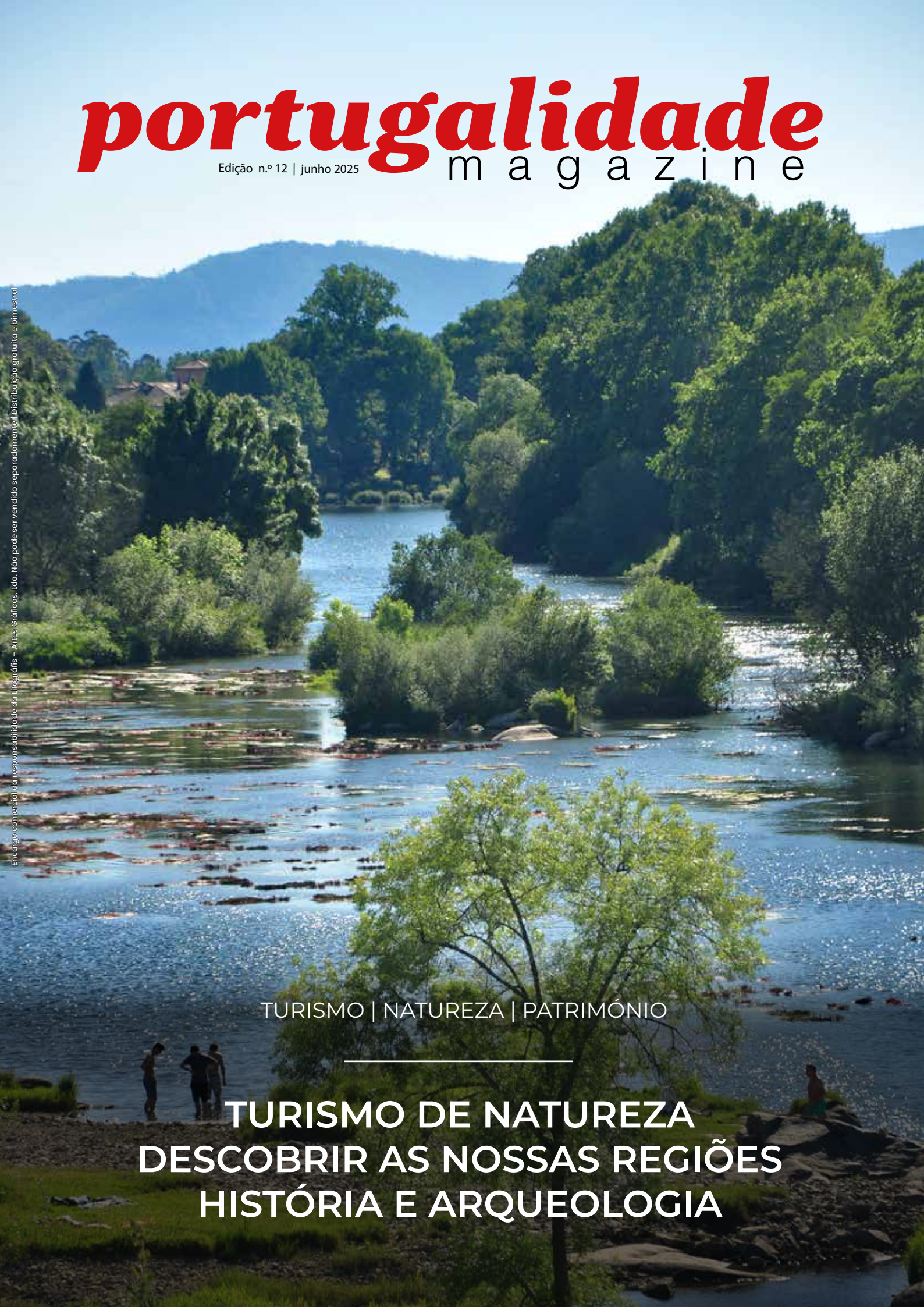
portugalidade magazine

Edição n.º 12 | junho 2025



TURISMO | NATUREZA | PATRIMÓNIO

TURISMO DE NATUREZA
DESCOBRIR AS NOSSAS REGIÕES
HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

Encargo comercial da responsabilidade da Litográfis – Artes Gráficas, Lda. Não pode ser vendido separadamente | Distribuição gratuita e bimestral

PRAIA

FLUVIAL DO SORRAIA

CORUCHE

coruche
município
www.cm-coruche.pt

FESTA DA HISTÓRIA

TRANCOSO

Bodas Reais

27·28·29

JUNHO

2025

TRANCOSO
MUNICÍPIO

ÍNDICE

Turismo de Natureza
6 Braga
14 Góis
16 Cadaval

Regiões
8 Minho

Destinos Sustentáveis
18 Ponte de Sor

Descobrir...
19 Gavião

Arqueologia
22 Jornadas Europeias de Arqueologia

Caminhos do Património Histórico-Militar
26 Sobral de Monte Agraço

Santos Populares
28 São João do Porto

Formação Aeronáutica
32 AWA

Ficha técnica: Propriedade Litográfis - Artes Gráficas, Lda. | Litográfis Park, Pavilhão A, Vale Paraíso 8200-567 Albufeira **NIF** 502 044 403 **Conselho de Administração** Sérgio Pimenta **Participações sociais** Fátima Miranda; Diana Pimenta; Luana Pimenta (+5%) **Assessora de Administração** Carla Rodrigues **Gestor de Conteúdo** António Carlos **Diretor Editorial** João Malainho **Redação** Ruben Marques, Vitória Girão **Design Gráfico** Departamento Criativo Litográfis **Redação e Publicidade** Rua Professora Angélica Rodrigues nº 17 sala 7, 4405-269 Vilar do Paraíso, Vila Nova de Gaia **E-mail** geral@portugalidademagazine.pt **Site** www.portugalidademagazine.pt **Periodicidade** Bimestral **Estatuto Editorial** Disponível em www.portugalidademagazine.pt **Impressão** Litográfis - Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal 507441/22
Junho de 2025

EDITORIAL

A importância dos rios para a humanidade é tão vital como a água que neles corre é para todas as formas de vida. Do ponto de vista geográfico e cultural, a história mundial passa muito pelas margens de rios. Foi assim desde o berço da civilização, no vale dos rios Tigre e Eufrates, na antiga Mesopotâmia. Foi também assim que nasceu o império egípcio nas margens do rio Nilo, por exemplo. Cada grande civilização tem os seus grandes rios. O Amazonas na América do Sul, o Mississípi na América do Norte.

Na Europa, densamente povoada desde há séculos, com a sua geografia recortada, os rios destacam-se mais do que pelo seu tamanho, pela importância económica, histórica e até romântica – que o digam as pontes sobre o rio Sena, em Paris.

E depois, claro, cada um de nós terá os "seus" rios. Eu, que como se percebe, tenho uma paixão por rios e por História, sinto-me intimamente ligado a vários. Mas os meus mais próximos são, sem dúvida, o Cávado e o Douro. De dimensões e notoriedade muito diferentes, cavaram, cada um à sua maneira, dois dos mais belos vales deste cantinho europeu. O Cávado, totalmente português, nasce na serra do Larouco (Montalegre) e tem no Gerês o seu cenário mais impressionante, antes de cruzar o Minho para desaguar no Atlântico. Já o Douro, mais vasto e célebre, vem de longe (Serra de Urbión – Espanha) e sulcou com paciência os vales de xisto onde se faz o vinho e preserva a alma de uma região.

Mas os rios, como a História, não se esgotam na paisagem. São movimento constante, sem arrogância. Ensinam-nos, daquela forma discreta mas poderosa, que só a Natureza sabe, a continuar sem gritar, a marcar presença sem se impor. Talvez por isso sejam tão bons mestres. Porque nos lembram que a profundidade raramente é visível à primeira vista. Que o tempo não se mede só em datas, mas também em marcas nas pedras, nas pontes, nas palavras que resistem. É com esse espírito que trabalhamos, procurando criar uma coerência editorial nestas edições, nem sempre fácil, resistindo ao ruído e à pressa.

E é assim que chega junho, com aquela confiança de quem sabe que é esperado de braços abertos e sorriso rasgado. Traz-nos luz, festas e movimento. Nós voltamos a percorrer o país, as nossas regiões, a frescura dos nossos rios, mas também a escavar e descobrir o passado com as Jornadas Europeias de Arqueologia.

E fazemos isso com a seriedade que este trabalho exige, com o respeito que os nossos leitores e os nossos protagonistas merecem. Esse respeito terá aqui sempre um guardião, pela exigência de estar à altura do que publicamos, do que fotografamos e criamos. Pela responsabilidade de representar dignamente os nossos parceiros, quem nos lê, quem confia em nós.

VERÃO NO CÁVADO: AS MELHORES PRAIAS FLUVIAIS ESTÃO EM BRAGA

O Cávado, mais do que uma linha de água, desenha geografias interiores de memórias inesquecíveis. Da nascente agreste na serra do Larouco, em Montalegre, até ao abraço atlântico em Esposende, percorre 135 quilómetros de margens que nunca se cansam de ser verdes, frescas e apelativas. Em Braga, o Cávado delimita a fronteira norte do concelho e oferece praias fluviais premiadas, onde natureza, lazer e património se encontram. A cidade, mais antiga do que o país, faz do rio um convite à redescoberta da frescura e da hospitalidade do verão minhoto.

Braga dispõe de quatro praias fluviais de elevadíssima qualidade. Estas destacam-se pela paisagem, infraestruturas, qualidade da água e segurança. Três destas praias foram distinguidas com o Galardão Bandeira Azul e três contam, igualmente, com a distinção Praia Acessível. Seguindo o curso do rio Cávado, de montante para jusante, encontramos a Praia Fluvial do Cavadinho (em Crespos), a de Adaúfe, a da Ponte do Bico (em Palmeira) e a de Merelim S. Paio. Todas serão vigiadas por nadadores-salvadores, entre as 10h e as 19h30, durante a época balnear 2025, que decorre de 14 de junho a 14 de setembro.

Praia Fluvial do Cavadinho (Crespos)

Situada a cerca de 20 minutos de carro do centro de Braga, esta praia - banhada pelo rio Cávado - é envolvida por uma paisagem natural que oferece bastantes espaços com sombra. É ideal para momentos de lazer em família. Foram levadas a cabo intervenções para dotar a área com diversas infraestruturas de apoio como, por exemplo, parque de estacionamento com lugares reservados para pessoas com mobilidade condicionada; instalações sanitárias; bar; parque de merendas; posto de primeiros socorros e bebedouro. Esta praia integra a ecovia do Cávado e Homem que, futuramente, irá permitir a ligação entre a foz do Cávado em Esposende e Moimenta, no concelho de Terras de Bouro. Um investimento que irá possibilitar a criação de percursos pedonais e cicláveis.

Praia Fluvial de Adaúfe

Próxima do centro de Braga, esta é uma das praias mais conhecidas da região. É muito procurada pela extensa zona relvada que permite banhos de sol, piqueniques, churrascos e prática de variados tipos de modalidades desportivas. Distingue-se pelo seu património edificado, nomeadamente um engenho hidráulico utilizado para rega agrícola. É acessível por transporte público (linhas 44 e 72 dos Transportes Urbanos de Braga - TUB), com paragem a sensivelmente 900 metros de distância do espaço. Sendo também um espaço inclusivo, entre 1 de julho e 1 de setembro, opera um serviço especial com autocarro adaptado para pessoas com mobilidade reduzida (com paragem junto ao parque de estacionamento da praia). De salientar que também está disponível um bicicletário no espaço. A praia conta ainda com percursos pedonais de acesso direto à água, casas de banho, bar, parque de merendas, posto de primeiros socorros e cadeira anfíbia flutuante e submersível. O apoio de voluntários pode ser solicitado com antecedência mínima de 48 a 72 horas (72h para marcações ao fim de semana). Esta praia ostenta a Bandeira Azul desde 2016 e o Galardão Praia Acessível para Todos desde 2014. Recentemente foi-lhe atribuído o galardão de Praia com Qualidade de Ouro em 2025, um galardão atribuído há mais de 15 anos e que distingue a qualidade da água balnear das praias portuguesas.

Praia Fluvial da Ponte do Bico (Palmeira)

Com um amplo areal e zonas relvadas, trata-se de uma das praias mais frequentadas durante o verão. O parque de merendas convida a momentos prolongados em convívio. Está à disposição de todos os utilizadores o bar, grelhadores, instalações sanitárias, chuveiros, posto de primeiros socorros e cadeira anfíbia flutuante e submersível. É possível solicitar apoio de voluntários nos mesmos moldes das restantes praias. A praia fica a cerca de 10 minutos de carro do centro histórico de Braga e é servida pelas linhas 45 e 945 da TUB (com paragem a menos de 300 metros). Também dispõe de bicicletário. Esta praia foi distinguida com a Bandeira Azul desde 2022 e com o Galardão Praia Acessível desde 2021.

Praia Fluvial de Merelim S. Paio

Situada mais a jusante oferece uma paisagem magnífica, tendo como fundo a Ponte de Prado que se destaca pela beleza. O parque de merendas, integrado na área da praia, é ideal para piqueniques (usufruindo da sombra que as árvores proporcionam). A área junto à água, sendo mais soalheira, convida a estadias mais prolongadas. Esta praia está integrada na ecovia do Cávado com percursos pedonais e cicláveis com acesso direto à água. À imagem das outras praias fluviais há acesso a bar, casas de banho, chuveiros, posto de primeiros socorros e cadeira anfíbia (sempre com possibilidade de solicitar apoio de voluntários). Os passadiços de madeira facilitam o acesso à água, sendo o leito do rio pouco profundo e ideal para crianças. Situa-se a 15 minutos do centro histórico de Braga, sendo servida pelas linhas 02 e 949 da TUB (com paragem a cerca de 400 metros da praia). Foi galardoada com a Bandeira Azul em 2023 e 2024 e com o Galardão Praia Acessível para Todos desde 2014.

www.cm-braga.pt

VISITAR O MINHO

O Minho é terra de encontros. De montanhas e rios, de mares e vales, de fé e festa, de inovação e memória. Neste território do Norte de Portugal, onde tudo parece entrelaçar-se com uma naturalidade quase ancestral, a história, a natureza e a cultura fundem-se num património vivo e sentido.

Do litoral atlântico à serra do Gerês, passando por cidades como Braga, Viana do Castelo, Barcelos ou Guimarães, o Minho revela-se como um dos destinos turísticos mais autênticos e cativantes do país. A região é, antes de tudo, verde. Um verde denso, húmido, exuberante, que se estende dos vinhedos ao Gerês, das encostas do Cávado às margens do Lima. É também um território de contrastes, que reúne serras agrestes, rios serenos, praias atlânticas e aldeias suspensas no tempo. O Parque Nacional da Peneda-Gerês, com os seus trilhos seculares, cascatas cristalinas e fauna selvagem, é o grande emblema natural da região. Mas não está sozinho.

DIVERSIDADE PAISAGÍSTICA E OFERTA TURÍSTICA

As dunas e estuários de Esposende e Caminha, os campos de Ponte de Lima e Vila Verde, o "Tibete português" em Sistelo – eleito uma das 7 Maravilhas de Portugal – ou a beleza esquecida das margens do Vez e do Coura mostram um Minho multifacetado, onde cada curva da estrada revela uma nova paisagem.

Um dos grandes eixos de descoberta é a Estrada Nacional 103, que nasce em Neiva (Viana do Castelo), perto de Esposende, e atravessa o Minho de lés a lés, ligando o litoral ao interior profundo. É uma verdadeira espinha dorsal do território, cruzando Barcelos, Braga, Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho, até se perder entre

as curvas serranas da Cabreira e as portas do Gerês. Uma viagem pela EN103 é uma lição viva de geografia, cultura e história minhota.

Esta diversidade de cenários sustenta uma oferta turística em constante renovação: alojamentos rurais, termas, percursos pedestres, ecovias, experiências gastronómicas e culturais.

PATRIMÓNIO HISTÓRICO E CULTURAL

O Minho é um autêntico museu ao ar livre. Castelos altivos, pontes românicas, mosteiros beneditinos, solares barrocos e centros históricos bem preservados contam séculos de encontros, conflitos, devoções e artes.

Braga, cidade milenar e capital do Minho, é um ponto nevrálgico desta rede patrimonial. A Sé, o centro histórico e o imponente Santuário do Bom Jesus do Monte, classificado como Património Mundial pela UNESCO, tornam-na um polo do turismo cultural e religioso. Mais do que património edificado, o Minho preserva também tradições vivas: das romarias como o São João de Braga à Senhora da Agonia em Viana do Castelo, passando pela Bienal de Arte de Cerveira, tudo vibra com uma energia que liga o passado ao presente. Na Póvoa de Lanhoso, em Ponte de Lima, Arcos de Valdevez, Valença, Monção ou Melgaço, a paisagem urbana é um reflexo da história viva das comunidades que ali habitam.

DA MELHOR GASTRONOMIA NACIONAL

À mesa, o Minho celebra-se com intensidade. A gastronomia local é generosa, feita de sabores profundos e receitas que passam de geração em geração. Os Rojões à moda do Minho, prato emblemático de carne de porco frita com cominhos, sangue e tripas enfarinhadas, resumem bem o espírito da cozinha minhota: rica, sem concessões, autêntica.

A este juntam-se clássicos como o Bacalhau à Braga (ou à Narcisa), o Arroz de Sarrabulho, o Cabrito assado, o Arroz de Pica no Chão, o Galo Assado à moda Barcelos, e as sobremesas como o Pudim Abade de Priscos ou os doces conventuais, sem esquecer as famosas tíbias de Braga ou as clarinhas de Fão, por exemplo.

Tudo isto harmonizado com Vinho Verde, produto bandeira da região, leve e fresco, cultivado nas terras férteis que pontuam a paisagem minhota.

A GEOGRAFIA ÚNICA DO RIO CÁVADO

O rio Cávado é uma das grandes linhas de vida do Minho. Nasce em plena Serra do Larouco, em Montalegre, e atravessa o território em direção ao Atlântico, ligando montanhas, vilas e cidades. As suas margens têm vindo a ser revalorizadas como espaços de lazer, turismo de natureza e convívio comunitário. Canoagem, pesca, trilhos ribeirinhos, zonas balneares e parques naturais devolvem o rio às populações e aos visitantes, sem nunca perder de vista a importância ecológica deste recurso.

SUSTENTABILIDADE E FUTURO

O crescimento turístico do Minho tem sido consistente e sustentado, apoiado na autenticidade do território e na capacidade de inovação. O desafio é, agora, manter este equilíbrio entre valorização económica e conservação ambiental. O objetivo não é apenas receber visitantes, mas integrar quem chega numa experiência verdadeira, onde o tempo abranda, a paisagem acolhe e as histórias se partilham. Porque o Minho sente-se e devolve-nos, a cada regresso, a frescura verde da memória.

PEDRA, VINHO, MEMÓRIA E SILÊNCIO

No coração verde do Minho, entre calçadas romanas, mosteiros milenares e vinhas velhas, desenha-se uma das mais antigas rotas jacobeias: o Caminho Minhoto Ribeiro. Esta via secular liga Braga, antiga capital do noroeste peninsular romano, a Santiago de Compostela, num percurso onde se cruzam fé, comércio, cultura e paisagem.

Com cerca de 75 quilómetros em território português e 173 na Galiza, o caminho percorre municípios como Vila Verde, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Monção e Melgaço, antes de atravessar o rio Minho e serpentear por terras galegas até à catedral do apóstolo Santiago. Trata-se de um traçado que recupera uma rota com raízes profundas na Idade Média e cuja importância foi muito além da devoção religiosa.

Historicamente, esta via não serviu apenas os passos de peregrinos. Foi também trilho de mercadores, em especial os que transportavam o célebre vinho do Ribeiro, rota militar durante a Guerra da Restauração e, sobretudo, canal de trocas culturais e económicas entre as duas margens do Minho. Documentação do século XII já atesta a circulação de bens e gentes por este itinerário, testemunho da sua relevância transfronteiriça.

Hoje, o Caminho Minhoto Ribeiro afirma-se como uma experiência imersiva num território de riqueza patrimonial singular. Ao longo do percurso, encontram-se hospitais de peregrinos, igrejas românicas, mosteiros beneditinos, capelas votivas, cruzeiros, pontes romanas e medievais, mas também achados arqueológicos, antigas adegas e nascentes termais. Cada etapa é, assim, uma aula viva de história, onde se leem séculos de permanências e transformações.

A natureza é também protagonista. O verde intenso do Minho acompanha o viajante por campos agrícolas, florestas e vales atravessados por ribeiros, enquanto aldeias de pedra e tradições resilientes acolhem quem passa. A hospitalidade local, os sabores regionais (das carnes fumadas aos vinhos de casta autóctone), e as águas terapêuticas fazem do caminho um convite aos sentidos.

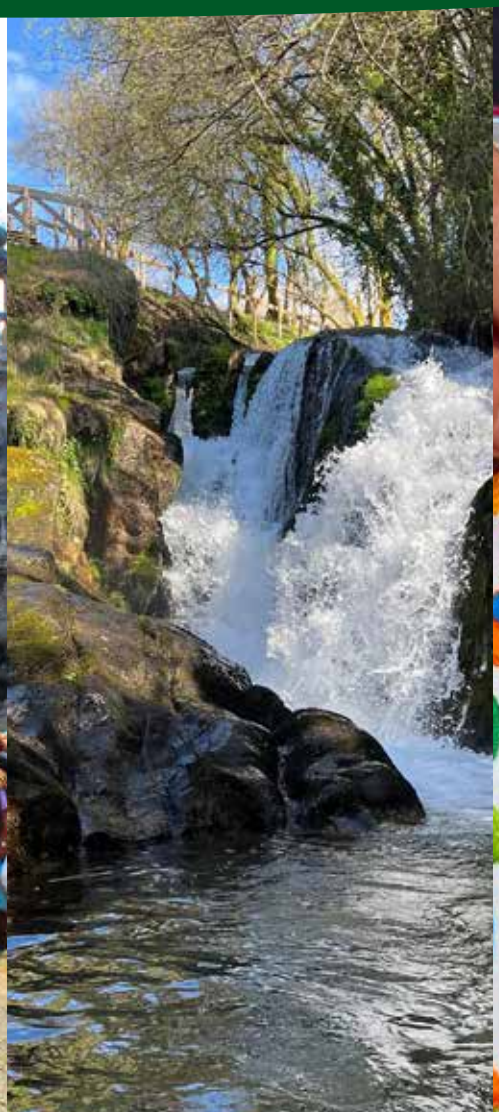
Progressivamente sinalizado e promovido por autarquias e associações, este percurso começa a ganhar visibilidade dentro do universo das rotas compostelanas. A omnipresente seta amarela, símbolo da peregrinação contemporânea, já marca muitas das suas encruzilhadas, orientando a travessia.

Para quem deseja uma viagem com densidade histórica, autenticidade paisagística e um ritmo ditado pelos passos e pelo tempo, o Caminho Minhoto Ribeiro é muito mais do que um percurso alternativo para Santiago. É uma rota de descoberta interior e exterior, onde o quotidiano se encontra com o sagrado, e onde Portugal e Galiza se tocam — em pedra, vinho, memória e silêncio.

Vila Verde
Município
mais próximo das pessoas

VILA VERDE

mil e um encantos para descobrir!



NA LINHA DA ÁGUA

Há rios que desenham o verão com outra calma. Longe do burburinho das praias oceânicas, as praias fluviais são refúgios onde a água corre devagar, como quem sabe que o tempo é um bem raro. Ali, o turismo de natureza é feito de mergulhos frescos, sombras de amieiros e silêncios pontuados pelo chilrear das aves.

A água, nestes lugares, é protagonista e professora. Ensina-nos a desacelerar, a escutar o rumor das margens, a descobrir que o luxo pode ser um banco de areia dourada, uma pedra lisa, um trilho debaixo de carvalhos. O seu ritmo, ora rápido, ora quase imóvel, lembra-nos que cada verão pode ter a cadência certa entre movimento e pausa. Portugal tem vindo a redescobrir as suas praias fluviais, do interior do Minho ao Alentejo profundo, passando pelas serras do Centro e os vales do Douro. São destinos onde o Turismo de Bem-Estar se confunde com a simplicidade: água limpa, natureza intacta, hospitalidade discreta. Em junho, quando o calor começa a pedir evasão, fica o convite: procure o som de um rio, o abrigo de uma árvore, o frescor de uma corrente. Deixe-se levar pelo ritmo da água. Talvez nesse compasso descubra o segredo de um verão mais leve, e de um tempo mais seu.

"AQUI, ESTÁS COMO QUERES"

Cabril do Ceira e Passadiços do Cerro da Candosa

Góis é uma alma viva, onde as tradições e saberes se encontram. Aqui, podes estar em paz e conectares-te com a natureza no seu estado mais puro. Aqui, ainda se vive o espírito genuíno.

Sabias que existe um lugar, no centro de Portugal, onde o tempo abranda e a vida encontra harmonia?

Entre a Serra da Lousã e a Serra do Açor localiza-se Góis, um concelho da Região de Coimbra com mais de novecentos anos de existência, que se distingue pelas características geográficas das zonas de montanha, onde a identidade e o património cultural continuam tão presentes como os seus antepassados. Aqui, podes descobrir lugares recônditos, repletos de história, que despertarão o teu espírito explorador e de aventura.

Em Góis, podes ficar a conhecer a fauna e flora existente, através dos vários percursos pedestres disponíveis. Podes conhecer a "Janela do Rabadão", os Passadiços do Cerro da Candosa e mergulhar nas águas frescas e cristalinas do Cabril do Ceira, um incrível acidente geográfico provocado pela natureza.

Em qualquer altura do ano, podes partir à descoberta do património do xisto e conhecer as histórias de outros tempos sobre as gentes das Aldeias do Xisto de Góis: Pena, Comareira, Aigra Nova e Aigra Velha. Aqui, a gastronomia, o património arquitetónico construído, a arte do saber fazer, os ofícios tradicionais, a cultura e a preservação da paisagem são alguns dos principais vínculos que continuam a marcar a genuinidade destes locais.

Na Capital do Ceira, podes apreciar uma bela e encantadora paisagem natural enquanto relaxas nas Praias Fluviais Galardoadas de Góis: Praia Fluvial da Peneda, Praia Fluvial das Canaveias e Praia Fluvial de Alvares.

A Praia Fluvial da Peneda, localizada na vila de Góis, e galardoada com "Bandeira Azul", "Praia Acessível – Praia para Todos!" e "Qualidade de Ouro", encontra-se nas margens do rio Ceira, cuja pureza das suas águas proporciona irresistíveis e refrescantes banhos. Aqui, tens uma vista privilegiada para a ponte real de Góis e um rápido acesso ao centro histórico da vila.

Na Praia Fluvial das Canaveias, em Vila Nova do

Caminhada Aquática ©Trans Serrano, Lda.

Praia Fluvial das Canaveias

Ceira, banhada pelo rio Ceira, e na Praia Fluvial de Alvares, galardoada com "Bandeira Azul" e situada nas margens da Ribeira do Sinhel, ambas galardoadas com "Praia Acessível – Praia para Todos!", podes descansar e conectar-te com a natureza.

Em Góis, podes sentir adrenalina e aventurares-te nas caminhadas aquáticas onde podes ficar a conhecer a galeria ripícola bem preservada do rio Ceira ou fazer canyoning na ribeira da Pena, um dos cursos de água de montanha melhor conservados.

Aqui, não faltará muita diversão e mergulhos nas águas límpidas dos rios Ceira e Sótão. Mas sabias que, para além destes rios, destacam-se outros cursos de água que formam harmoniosas piscinas naturais, algumas quase sem intervenção humana, como a ribeira da Pena, a ribeira do Sinhel e o Vale do Ceira?

Em qualquer altura do ano, em família ou com amigos, podes passear em plena natureza, por paisagens de cortar a respiração, praticar escalada nos Penedos de Góis, *highline* nas paredes íngremes do desfiladeiro do Cabril. Aqui, podes encontrar muita adrenalina, mas também podes desacelerar e sentir-te em paz. Podes desfrutar do silêncio da noite e observar o céu estrelado.

Estas são algumas das maravilhas que o nosso concelho tem para oferecer. Assim, como o mais recente espaço expositivo "Ciclo da Truta de Góis - Parque da Monteira", onde pode conhecer a famosa Truta Fário, uma espécie piscícola com grande valor histórico e cultural no nosso Concelho, saber mais sobre o "Ciclo da Água" e sobre o "Vale do Ceira", visitar o nosso território recorrendo à realidade virtual e divertir-se em família com jogos e atividades de interpretação ambiental.

Góis apresenta uma beleza natural com as suas altas e majestosas serras que convidam à descoberta de lugares repletos de história.

Góis é um destino onde a natureza, a cultura e as pessoas se conectam, oferecendo a cada visitante a oportunidade de se sentir em casa, ao seu próprio ritmo.

"Aqui, estás como queres" é o mote para assegurar aos turistas, nacionais e internacionais, que Góis é um território que respira autenticidade.

Aqui, todos encontram o seu espaço para "estarem como querem".

#VisitGóis

Aqui, estás como queres.

Praia Fluvial da Peneda

Percursos Pedestres

www.cm-gois.pt

SERRA DE MONTEJUNTO: ONDE A NATUREZA ABRAÇA A HISTÓRIA

A Serra de Montejunto ergue-se imponente em pleno coração da Região Oeste. A cerca de 50 quilómetros a Nordeste de Lisboa, e sensivelmente a meio caminho entre o Oceano Atlântico e o rio Tejo, este maciço calcário – desgastado pela ação erosiva dos ventos salinos vindos do oceano – constitui o limite sul do "Maciço Calcário Estremenho".

Com os seus 666 metros de altitude, a Serra de Montejunto é o miradouro natural mais alto da Região Oeste. Em dias claros, a vista é vasta, oferecendo um curioso contraste paisagístico e climatérico. A Norte, envoltas no azul do mar, as Berlengas e o sítio da Nazaré; a Sul, o cinza das cristas da Serra de Sintra e para Este os verdes das Lezírias do Tejo e dos "Olivais de Santarém".

ILHA DE BIODIVERSIDADE: FAUNA E FLORA

A Serra de Montejunto destaca-se na paisagem envolvente não só pela altitude que atinge, mas também pelas suas características naturais. É um dos últimos refúgios para muitos animais e plantas, abrigando uma considerável diversidade. As aves assumem uma particular importância, pela variedade de espécies e pela facilidade com que podem ser observadas, com cerca de 75 espécies a nidificarem neste paraíso natural, dez das quais consideradas ameaçadas. A Águia Perdigueira (Hieraaeetus fasciatus), o Bufo-real (Bubo bubo) e o Andorinhão-real (Apus melba), são mesmo consideradas raras a nível nacional.

A diversidade florística é igualmente notável, com cerca de 400 espécies de plantas já identificadas.

Para aprofundar este conhecimento, o Centro de Interpretação Ambiental da Paisagem Protegida da Serra de Montejunto é um ponto de partida essencial, oferecendo informação sobre o património natural e cultural da região, com uma exposição permanente sobre geologia, clima, fauna, flora, património cultural e ocupação humana.

Para prolongar a experiência, junto ao Centro de Interpretação encontra-se o Parque de Campismo Rural da Serra de Montejunto. Com capacidade para 90 pessoas, 24 tendas, seis autocaravanas e sete bungalows, oferece uma opção confortável e integrada para desfrutar plenamente da serra.

PATRIMÓNIO HISTÓRICO E GEOLÓGICO: UMA VIAGEM NO TEMPO

O Monumento Nacional Real Fábrica do Gelo é um marco imperdível na Serra de Montejunto. Construído a partir de 1741 para satisfazer a procura de gelo na capital, este complexo industrial é considerado por especialistas internacionais "um caso único pela originalidade das suas estruturas e pelo razoável estado de conservação".

A sua construção representou um grande avanço na qualidade e higiene do processo utilizado para a produção de gelo, que passou a ser fabricado em tanques da fábrica, e não apenas colhido após o vento o ter amontoado, como sucedia até então.

Na Serra de Montejunto, cada passo revela um segredo, cada paisagem convida à contemplação. Venha descobrir este tesouro natural!

www.cm-cadaval.pt

TURISMO SUSTENTÁVEL REFORÇA DESENVOLVIMENTO EM PONTE DE SOR

Em Ponte de Sor o turismo tem vindo a assumir um papel cada vez mais relevante na dinamização territorial e no desenvolvimento económico e social do concelho. Esta não é uma realidade espontânea ou fortuita: resulta de uma estratégia política clara, de um investimento consistente e de um trabalho determinado do Município, que reconhece no turismo um dos motores fundamentais para atrair pessoas, fixar investimento e melhorar a qualidade de vida dos cidadãos.

A aposta do Município de Ponte de Sor é inequívoca: favorecer um turismo sustentável, assente na valorização dos nossos recursos endógenos, na preservação do património natural e na promoção de uma identidade local forte e diferenciadora. Acreditamos que o futuro passa por um modelo de desenvolvimento equilibrado, que respeita o território e que potencia as suas valências singulares.

A mítica Estrada Nacional 2, que atravessa o nosso concelho, é exatamente um desses ativos estratégicos. Mais do que uma simples via de circulação, tornou-se num símbolo nacional e num produto turístico de excelência. Nos últimos anos, e com particular expressão a partir de 2020, este eixo histórico revelou-se um verdadeiro catalisador para o turismo interno, permitindo-nos posicionar Ponte de Sor como destino de referência. A pandemia limitou as fronteiras físicas, mas abriu portas à redescoberta do interior — e o nosso concelho soube estar à altura, acolhendo milhares de visitantes e reforçando a sua atratividade.

Este crescimento não foi apenas circunstancial. Foi sustentado por uma visão política que aposta na qualificação da oferta turística. O aumento exponencial do número de camas disponível bem como a diversidade de alojamentos — do parque de campismo à hotelaria de excelência — acompanhou o aumento da procura que se fez sentir. Os nossos espaços culturais registaram crescimentos notáveis de visitantes. E, sobretudo, a albufeira de Montargil confirmou-se como um verdadeiro ex-líbris do concelho: um lugar onde natureza e lazer se fundem, onde os desportos náuticos e as atividades ao ar livre enriquecem a experiência turística e valorizam o nosso património natural.

Conscientes da centralidade da albufeira na nossa estratégia de desenvolvimento sustentável, o

Município vai mais longe: estamos a avançar com a criação de praias fluviais devidamente estruturadas, seguras e ambientalmente reguladas, reforçando a atratividade do território e respeitando os seus equilíbrios ecológicos.

Neste contexto, a criação da Estação Náutica de Ponte de Sor & Montargil representa um marco decisivo. Esta rede de parceiros, coordenada pelo Município, é um exemplo de governação colaborativa que congrega esforços do setor público, alojamentos, empresas de animação turística, restauração, comércio e serviços. Uma plataforma estratégica que fomenta sinergias, estimula o empreendedorismo local e projeta Ponte de Sor como um polo turístico inovador, sustentável e competitivo.

Num ano simbólico, em que celebramos 40 anos de elevação a cidade, reafirmamos o nosso compromisso com um turismo responsável, integrador e visionário. Convidamos todos a visitar Ponte de Sor, uma terra onde a cultura se encontra com a natureza e onde o futuro se constrói com ambição, trabalho e respeito pela nossa identidade.

www.cm-pontedesor.pt

VIVER O VERÃO ENTRE A MEMÓRIA E A PAISAGEM

Com um novo museu no coração da vila e uma piscina ecológica premiada a refrescar o verão, Gavião afirma-se como destino para quem procura mais do que descanso. Entre história, cultura e natureza viva, há um território que se descobre com tempo e que recompensa quem o leva a sério.

Em Gavião, a tradição não é um postal parado no tempo. É matéria viva. O novo Museu de Arte e Atrelagem, acabado de inaugurar, é prova disso mesmo. Instalado no antigo seminário do Largo do Município, agora reabilitado com projeto de Carrilho da Graça, o espaço acolhe 16 carros históricos de atrelar, arte sacra e peças ligadas à cultura equestre, muitos cedidos por colecionadores privados. São quatro pisos onde memória e contemporaneidade dialogam. Com um investimento de dois milhões de euros, o museu afirma-se como uma nova referência nacional no património e nas artes tradicionais.

Mas a experiência de Gavião vive-se tanto de portas abertas como ao ar livre. O território convida à descoberta a passo certo, entre encostas, margens e miradouros. Do Passadiço do Alamal às Arribas do Tejo, a cada curva da Rota da Sirga, num percurso de 5,8 km junto ao rio, cruzam-se muros antigos de sirga, trilhos de pescadores e o voo dos grifos.

Quando o calor aperta, a frescura vem das águas interiores. As praias fluviais do Alamal e da Ribeira da Venda mantêm-se como refúgios serenos, longe da azáfama e perto do essencial. A elas junta-se agora a Eco Laguna de Gavião: com uma profundidade máxima de 1,60 metros, fundo de areia antiderrapante, jacuzzi, relvados e esplanada, assemelha-se a uma lagoa natural, mas com todas as comodidades de um espaço moderno. Inspirada nas represas agrícolas do Alentejo, valeu ao concelho o Prémio Cinco Estrelas Regiões 2025. Perfeitamente integrada na paisagem, é um exemplo de como o interior também pode surpreender. Sem surpresa, foi um enorme sucesso no verão passado e voltará seguramente a sê-lo este ano.

Integrado na rede Alentejo Feel Nature, Gavião assume-se como território onde a sustentabilidade é prática e não retórica. Algo visível nos trilhos bem cuidados, nos projetos que respeitam o lugar e no turismo com escala humana. No fundo, Gavião não se visita: descobre-se. Sem pressa, com vontade de voltar.

www.cm-gaviao.pt

ANDORINHAS – SÍMBOLOS DE AMOR E LEALDADE

Chegam vindas de longe, atravessam desertos, mares e tempestades para regressar a um lugar onde já foram felizes. Um beiral, um recanto de parede, um telhado qualquer. Regressam para recomeçar.

Na fotografia, um ninho de andorinhas-das-chaminés (Hirundo rustica) acolhe cinco crias famintas, à espera da próxima refeição. É um retrato do início da vida: frágil, instintivo, confiante. O ninho, feito de barro, palha e saliva, é uma verdadeira obra de engenharia natural. As andorinhas recolhem dezenas de pequenos fragmentos de lama e constroem, camada a camada, uma estrutura resistente e acolhedora. Fazem-no com uma precisão admirável, quase sempre nos mesmos locais, como se soubessem que a continuidade também é um valor ecológico.

Estas aves são migradoras de longa distância. Nascem na Europa, viajam até à África tropical para passar o inverno, e regressam todos os anos aos seus territórios de reprodução. São fiéis ao local onde nasceram, uma qualidade que as torna particularmente vulneráveis às transformações do território.

E é aqui que a poesia da imagem ganha um peso mais sério: as andorinhas estão a desaparecer. Em Portugal, como em vários países europeus, as populações têm vindo a diminuir nas últimas décadas. As causas são conhecidas: perda de habitat, destruição de ninhos, escassez de insetos provocada pelo uso intensivo de pesticidas, mudanças nos padrões climáticos e urbanização crescente. Quando o mundo muda depressa demais, nem todas as espécies conseguem adaptar-se.

Apesar disso, continuam a confiar em nós. Constroem os seus ninhos perto das nossas casas, das escolas, das igrejas, dos cafés. Partilham connosco o espaço, mesmo quando não as recebemos de braços abertos. É comum que os ninhos sejam destruídos por quem não quer lidar com os vestígios que deixam no chão. Mas essa convivência, ainda que por vezes incómoda, é também um privilégio — o de poder assistir de perto ao ciclo da vida.

Do ponto de vista ambiental, a presença de andorinhas é um bom sinal. Estas aves alimentam-se de insetos em pleno voo, controlando naturalmente populações de mosquitos e outras pragas. Uma andorinha pode capturar centenas de insetos por dia, prestando um serviço silencioso, mas essencial ao equilíbrio dos ecossistemas.

Mas para além da sua utilidade ecológica, há nelas uma força simbólica difícil de ignorar. Representam o regresso, a renovação, a fidelidade a um lugar. Num tempo em que tudo parece passageiro, a andorinha lembra-nos que voltar é possível e que recomeçar, mesmo com barro e palha, é sempre um ato de esperança.

Ver um ninho de andorinhas é mais do que observar aves. É testemunhar um pacto ancestral entre o mundo natural e o humano. Um pacto que, hoje, exige de nós mais cuidado, mais respeito, e mais vontade de partilhar o espaço que habitamos.

Levantar os olhos e reparar nestes inquilinos silenciosos pode ser o primeiro passo para voltarmos a fazer parte do equilíbrio que eles nunca deixaram de procurar.

FILMOTECA DO BATALHA JÁ ULTRAPASSA OS 200 FILMES DISPONÍVEIS

A Filmoteca do Batalha Centro de Cinema ultrapassou recentemente a marca dos 200 filmes disponíveis para visionamento gratuito, consolidando-se como um dos principais arquivos audiovisuais do Porto. A coleção, acessível em dois postos na Biblioteca do Batalha, oferece um retrato multifacetado da cidade, da década de 1920 aos dias de hoje.

O acervo, em permanente expansão, inclui documentários (95 títulos), filmes experimentais (39), ficções (28), jornais de atualidades (22), registos amadores (19), videoclipes (19), filmes de artista (14), animações (11), séries televisivas (quatro) e um registo de espetáculo. A década de 2011-2020 é a mais representada, com 72 filmes, seguida pelos anos mais recentes (2021-2025), que já somam 39 obras.

Entre os destaques, contam-se cerca de 60 filmes realizados entre 1927 e 1983, provenientes do arquivo da Câmara Municipal do Porto, incluindo "A Propósito da Inauguração duma Estátua — Porto, 1100 Anos" (1970), produzido sob supervisão de Manoel de Oliveira. A produção local das últimas décadas está bem representada, com obras de cineastas como Abi Feijó, André Gil Mata, Catarina Alves Costa, Edgar Pêra, João Salaviza e Regina Pessoa, além de filmes comissariados pelo próprio Batalha, como "No Interior" (2023), de Luke Fowler, "Sobrevoo" e "Estação Rádio Bouça" (2023), de Jonathas de Andrade, e "2720" (2023), de Basil da Cunha.

O acesso à Filmoteca é livre e gratuito, mediante apresentação de documento de identificação, e a consulta faz-se exclusivamente nos postos de visionamento, de terça a sábado, das 11h às 19h. O espaço oferece ainda uma sala de leitura e acesso a livros e periódicos sobre cinema.

O acervo serve também de base ao ciclo Filmoteca Sonora, promovido pelo Maus Hábitos com curadoria da Porta-Jazz, que convida músicos a criar interpretações sonoras ao vivo a partir de filmes selecionados.

Com mais de 200 filmes disponíveis, a Filmoteca do Batalha afirma-se como um arquivo vivo e acessível, que documenta a história do Porto e a sua ligação ao cinema, abrindo portas a cinéfilos, investigadores e a todos os apaixonados pela sétima arte e pela cidade.

JORNADAS EUROPEIAS DE ARQUEOLOGIA 2025

Entre 13 e 15 de junho, as Jornadas Europeias de Arqueologia (JEA) 2025 propõem uma viagem ao passado. Em Portugal e noutros 29 países, sítios arqueológicos, laboratórios e bastidores abrem-se ao público para mostrar como se descobre, estuda e preserva o património enterrado no tempo.

Durante esses três dias, Portugal volta a abrir as portas do seu subsolo, e da sua memória, para celebrar as JEA. Em sintonia com mais 29 países, esta iniciativa convida-nos a olhar para o chão que pisamos não como mero suporte, mas como um arquivo vivo de histórias, encontros e reinvenções.

Criadas em 2010 pelo Ministério da Cultura de França como Jornadas Nacionais de Arqueologia, as JEA tornaram-se um evento europeu em 2020, sob coordenação do Institut National de Recherches Archéologiques Préventives (INRAP) e com o patrocínio do Conselho da Europa. O objetivo é aproximar a arqueologia dos cidadãos, tornando visível o trabalho de investigação, os bastidores das escavações e a importância da preservação do património arqueológico.

Em 2025, o Património Cultural, I.P. junta-se novamente à iniciativa, propondo o tema "O Mundo inteiro em cada um de nós". Num momento que descreve como "particularmente difícil à escala mundial", o Instituto define um propósito claro com este mote: "mostrar a todos que a humanidade – como somos, o que somos e o que fazemos – resulta da troca milenar entre genes, culturas e saberes. Somos fruto da diversidade biológica e cultural." E conclui: "é nessa diversidade que somos, afinal, todos iguais; porque todos temos o mundo inteiro em cada um de nós!"

As JEA, coordenadas em Portugal pelo Património Cultural, I.P., são o grande palco anual onde arqueólogos, museus, universidades, autarquias e associações se reúnem para partilhar o que de mais fascinante se faz na arqueologia nacional. Durante três dias, o património arqueológico sai das trincheiras e dos laboratórios para se mostrar, sem filtros, ao grande público.

O programa é, como sempre, diverso e inclusivo: oficinas de escavação para miúdos e graúdos, visitas guiadas a sítios habitualmente encerrados ao público, recriações históricas, exposições temporárias, conversas com especialistas e atividades pensadas para famílias e

©Pascal Ratier, Inrap

©Delphine Chevalier Gontier

©Pascal Ratier, Inrap

escolas. É o momento ideal para conhecer os bastidores de uma ciência que, mais do que datar pedras e ossos, nos ajuda a compreender quem somos.

Participar nas JEA é um exercício de portugalidade em estado puro. Cada fragmento resgatado do solo — seja um pedaço de cerâmica romana, uma ponta de seta neolítica ou uma moeda esquecida de um império antigo — é uma peça do nosso puzzle identitário. A arqueologia mostra-nos que Portugal é feito de encontros: de povos, de técnicas, de sabores e de sonhos. É também um convite à cidadania ativa. Ao abrir as portas dos bastidores, as JEA desafiam-nos a valorizar, proteger e divulgar um património que é de todos.

COMO PARTICIPAR?

A programação completa está disponível na plataforma oficial das JEA: www.journees-archeologie.eu. Basta selecionar o país no menu inicial e pesquisar as atividades por região, público ou datas. Muitas são gratuitas, mas algumas requerem inscrição prévia — especialmente oficinas e visitas guiadas a sítios de acesso restrito. O importante é escolher, marcar na agenda e aparecer. Seja em museus municipais, sítios arqueológicos, centros de investigação ou até em praças e jardins, há sempre algo por descobrir.

A IDADE DO BRONZE

A edição de 2025 destaca especialmente a Idade do Bronze, período de grandes transformações tecnológicas e sociais na Europa. Muitas das atividades exploram temas como a metalurgia, o quotidiano, a alimentação, o comércio e os rituais deste tempo, através de oficinas experimentais e exposições temáticas.

Em suma, as Jornadas Europeias de Arqueologia são uma oportunidade única para todos (sejam estudantes, famílias ou apaixonados pela História) compreenderem melhor o presente e participarem ativamente na preservação da memória coletiva europeia.

**A Portugalidade Magazine agradece ao Institut National de Recherches Archéologiques Préventives (INRAP) a cedência de imagens*

©Inrap

©Nanterre Alexandre Duéyron

MINISTÈRE
DE LA CULTURE
Liberté
Égalité
Fraternité

Inrap
Institut national de recherches archéologiques préventives

Jornadas Europeias de Arqueologia

— 13·14·15 de junho 2025

journees-archeologie.eu

Atividades em todo o país

O Mundo inteiro em cada um de nós

#EADays

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

PATRIMÓNIO CULTURAL
INSTITUTO PÚBLICO

Em parceria com

EAA European Association of Archaeologists

ICMAH

EXARC.net

Sob o auspícios da Secretária-Geral do Conselho da Europa, Senhor Alain Berset

COUNCIL OF EUROPE
CONSEIL DE L'EUROPE

Clay
Arqueologia

Serviços:

Relatórios Prévios (DL 140/2009)
Fichas de Catalogação
Levantamentos Laser Scanner
Estudos de Impacte Ambiental
Desenho Técnico
Arqueologia
Bioantropologia
História e História de Arte
Conservação e Restauro
Fiscalização
Consultoria
...

Damos respostas rápidas e fundamentadas em Arqueologia de Salvaguarda e Património, com soluções adaptadas a cada projeto. Trabalhamos com ética, rigor e profissionalismo para proteger o património histórico-cultural e trazê-lo de volta à luz — com a confiança de quem valoriza o passado para construir o futuro.

Sede
Rua dos Foros
de Amora, 7
2845-004 Amora

Delegação Norte
Avenida Comendador
Ferreira de Matos, 759, 1D
4450-125 Matosinhos

Contatos
962 392 549
218 007 422

geral@clay.pt
www.clay.pt

@ClayArqueologia
@clay_arqueologia

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO: ONDE A HISTÓRIA ENCONTRA A NATUREZA

Imagine um lugar onde os trilhos da serra contam histórias de heróis, onde cada paisagem é um miradouro natural sobre o passado, e onde pode viver experiências únicas entre património, natureza e boa gastronomia. Esse lugar existe. Chama-se Sobral de Monte Agraço – e é um segredo bem guardado, tão perto de Lisboa.

Neste território, discreto e surpreendente, escreveu-se uma das páginas mais importantes da história europeia: a resistência às invasões de Napoleão Bonaparte. Entre 1809 e 1810, Sobral foi o coração da Primeira de três Linhas de Defesa de Lisboa, também conhecidas como Linhas de Torres Vedras — um sistema único de fortificações militares, que travou o avanço do exército francês e mudou o rumo da história. Reconhecidas pelo Governo Português como Património de Interesse Nacional, foram distinguidas com o Prémio Internacional Europa Nostra pelo seu bom estado de conservação e contributo para a história europeia.

Hoje, os ecos desses combates transformaram-se em experiências memoráveis para quem visita e muda o seu destino onde mudámos o de Napoleão.

COMECE A SUA VIAGEM NO CORAÇÃO DA VILA

No centro de Sobral, o Centro de Interpretação das Linhas de Torres (CILT) partilha o seu espaço com o Posto de Turismo. Nele pode mergulhar nas histórias da resistência luso-britânica, desde o planeamento à construção das Linhas, passando pelo famoso sistema de comunicações óticas e pela rede de estradas militares, pelo posto de comando do Forte do Alqueidão, pelos Quartéis-generais e combates na vila e de Seramena.

Uma experiência imersiva está à sua espera. Com recurso à Realidade Virtual, poderá reviver o combate de 1810 que teve lugar nas ruas do Sobral. Para os mais curiosos, há audioguias, mapas ilustrados e muitas sugestões para explorar o território com tempo e comodidade.

Esteja atento ao nosso website, pois ao longo do ano não faltam eventos e atividades para si e para toda a família.

TRILHOS COM HISTÓRIA

A poucos quilómetros do centro, aventure-se pelo Circuito do Alqueidão, em plena serra do Olmeiro. Aqui encontrará quatro Fortes ligados por caminhos pedestres bem sinalizados, envoltos numa paisagem deslumbrante. No ponto mais alto, ergue-se o Forte do Alqueidão, posto de comando de Wellington. Do seu miradouro, as vistas são arrebatadoras: Lisboa, do Tejo até ao Atlântico, Sintra, são apenas alguns dos locais que surgem inesperadamente no horizonte.

Pelo caminho, descubra antigos troços de estradas militares, por onde circulavam artilharia, munições, mantimentos, soldados e até materiais cirúrgicos. Hoje são tranquilas rotas pedestres. Graças à Realidade Aumentada, os mais novos (e não só!) podem interagir com personagens e objetos da época – uma forma divertida e educativa de viajar no tempo. Basta instalar a app “Itinerários Napoleónicos” no seu telemóvel.

CULTURA, MEMÓRIAS E SABORES

Mas o património de Sobral não vive apenas nos fortes. Visite a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vida, desenhada pelo arquiteto da reconstrução de Lisboa pós-terramoto. Conta-se que as esmolas de Santa Aurélia foram usadas para ajudar a população a recuperar da destruição provocada pela invasão francesa. Na praça da vila, observe o edifício setecentista da Câmara Municipal, em que todo o aquivo até 1811 foi queimado pelo inimigo e descubra a razão pela qual a casa senhorial dos Condes de Sobral saiu ilesa desta destruição.

Ainda na vila, visite o moinho de vento, em pleno funcionamento. Aqui sente-se o sopro da tradição. Além da sua função de moagem, muitos deles serviram de postos de vigia ao exército aliado ou foram desmantelados para privar o invasor de recursos.

Se for apreciador de arte sacra, não perca a Igreja de Santo Quintino – Monumento Nacional – de estilo manuelino, apelidada de "museu do azulejo", que escapou ao saque francês graças à presença de um posto avançado aliado.

E porque toda a boa viagem tem paragens para saborear, aproveite para degustar os vinhos da região ou deliciar-se com uma refeição inspirada na história, como o icónico "bife Wellington". Existem várias opções de restauração e alojamentos cheios de chame, perfeitas para uma escapadinha de fim de semana com história, natureza e autenticidade.

PARA TERMINAR, UMA HOMENAGEM

Antes de se despedir, passe pelo monumento em homenagem às tropas anglo-lusas junto à rotunda de acesso à A8. Descubra os edifícios que serviram de quartéis-generais de Wellington e Beresford e imagine as decisões que ali se tomaram, mudando o futuro de toda uma nação.

Sobral de Monte Agraço é muito mais do que um lugar de memória. É um destino para quem procura autenticidade, emoção, tranquilidade e descoberta.

Venha por um dia, fique por dois. Mude o seu destino onde mudámos o de Napoleão.

Centro de Interpretação das Linhas de Torres (CILT)
Praça Dr. Eugénio Dias, 12 | 2590-016 Sobral de Monte Agraço | Tel.: 261 942 296 | E-mail: cilt@cm-sobral.pt
www.cilt.pt | www.invademag.pt | www.rhlt.pt

“MAIOR FOGO DE ARTIFÍCIO DE SEMPRE” MARCA SÃO JOÃO DO PORTO DESTE ANO

@GUILHERME COSTA OLIVEIRA

O mês de junho é sinónimo de Santos Populares e no Porto o São João é o rei da festa. Este ano, a noite mais longa da cidade invicta ficará marcada pelo “maior espetáculo de fogo de artifício de sempre”, que se estenderá da Ponte Luís I até à Ponte da Arrábida.

Para aliviar a habitual pressão do público na zona ribeirinha e reforçar as condições de segurança, o espetáculo piromusical terá uma duração de 16 minutos e uma extensão mais ampla, podendo ser assistido a partir de diversos locais ao longo do Rio Douro. A decisão foi tomada em articulação entre as entidades competentes e os executivos municipais do Porto e de Gaia, permitindo assim uma dispersão mais equilibrada dos espetadores.

“O alargamento da zona de lançamento valoriza áreas menos centrais e amplia o acesso ao espetáculo”, refere a Câmara do Porto, em comunicado de imprensa.

No que concerne à música, o destaque vai, mais uma vez, para o centro da cidade. À semelhança dos anos anteriores, a animação irá centrar-se em três palcos.

No Largo Amor de Perdição, a noite é dedicada à música popular, com as atuações de Herman José,

pelas 22 horas, de Quim Barreiros, depois da meia-noite, e do DJ SET de Pimbáu b2b DJ Paulo Cunha Martins de seguida.

Nos Jardins do Palácio de Cristal está instalado aquele que pode ser denominado como o "palco pop". A noite promete trazer "os sucessos mais recentes" das cantoras Cláudia Pascoal (22h00) e Ana Bacalhau (após a meia-noite). Para fechar o espetáculo foi 'convocada' a Equipa Turbó Baile.

Já na Casa da Música, a noite abre com Tio Jel (22h00), segue com Ena Pá 2000 (mítica banda da Manuel João Vieira, que para este concerto convida João Melo, vocalista dos Fúria do Açúcar) e termina com o DJ Fernando Alvim.

Mas a animação caraterística desta época do ano estende-se a todas as freguesias e uniões de freguesias do concelho do Porto. De 18 a 23 de junho são oito palcos no total, que prometem concertos e muita diversão.

Destaque na programação para Augusto Canário, em Campanhã (Largo da Corujeira), a 18 de junho, Iran Costa, em Miragaia (Largo da Praia), a 20 de junho, e Bandalusa, em Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde (Esplanada do Castelo), a 20 de junho.

Nota ainda para os Diapasão, em Paranhos (Parque de Estacionamento da Casa do Salgueiros), a 21 de junho, Mónica Sintra, em Lordelo do Ouro (Largo António Cálem), também a 21 de junho, e para o projeto José Pinhal Post Mortem Experience, no Bonfim (Alameda das Fontainhas), um dia antes.

@GUILHERME COSTA OLIVEIRA

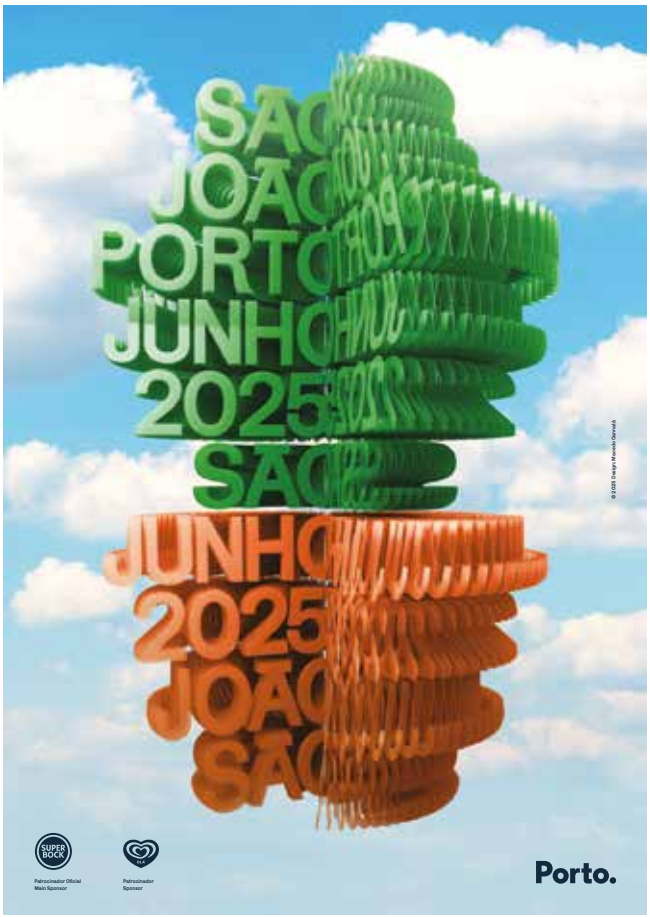
Também de 11 a 28 de junho, o Mercado do Bolhão acolhe a Cascata Comunitária de São João. A representação do casario tradicional da cidade volta a ganhar forma este ano. O emblemático espaço irá receber, ainda, a 21 de junho, um arraial durante todo o dia, que contará com a participação do cantor Paulo Ribeiro e do projeto Ópera à Moda do Porto.

De 20 a 23 de junho, a Praça do General Humberto Delgado volta a acolher a instalação "Flores de Manjerico", o projeto desenvolvido pelo coletivo FAHR 021.3, que junta, numa estrutura montada no local, feita de metal e madeira, mais de 900 manjericos que serão distribuídos à população na véspera da noite de São João.

@RUI MEIRELES

Após o regresso do ano passado, as Rusgas voltam a realizar-se em formato noturno. Assim, no sábado 21 de junho, a partir das 21 horas, a Praça do General Humberto Delgado acolhe a apresentação de todas as freguesias, num desfile que será transmitido, em direto, pelo Porto Canal. Este momento contará ainda com a participação especial do cantor Manuel Morais ("Rei da Alegria").

Mas antes, a 14 de junho, as ruas da cidade voltam a ser "tomadas" pelas tradições dos grupos e coletividades da cidade. A partir das 15 horas de sábado, haverá a habitual Arruada de Ranchos pelo centro histórico do Porto.



ENSINO PROFISSIONAL COMO PILAR ESTRATÉGICO PARA O FUTURO DO PAÍS

O ensino profissional em Portugal prepara milhares de jovens para setores como agricultura, indústria e aviação, aliando formação prática à empregabilidade. Apesar das vantagens, continua a enfrentar estigma social e desafios de reconhecimento.

O ensino profissional em Portugal assume-se como uma resposta estratégica às necessidades do país, das empresas e dos jovens, apesar de ainda enfrentar algum preconceito social. Com uma estrutura que proporciona dupla certificação (escolar e profissional), prepara os alunos tanto para o mercado de trabalho como para o ensino superior, através de cursos de três anos que combinam componentes sociocultural, científica, tecnológica e uma forte ligação ao contexto real de trabalho.

A oferta abrange setores fundamentais como a agricultura, o ensino técnico-industrial e a aviação, por exemplo. Escolas agrícolas centenárias formam técnicos para agroindústria, floresta, turismo rural e restauração, contribuindo para o desenvolvimento regional e valorização do mundo rural. Na área técnica e industrial, a formação cobre eletrónica, mecânica, informática, energias renováveis e manutenção industrial, acompanhando a evolução dos setores produtivos.

Os diplomados do ensino profissional registam taxas de empregabilidade elevadas, com muitos a ingressarem no mercado de trabalho pouco tempo após concluírem o curso, frequentemente nas empresas onde realizaram estágio. Os salários iniciais tendem a ser competitivos e a formação ajusta-se às necessidades do tecido empresarial, reduzindo o desfasamento entre ensino e mercado. A democratização do acesso à qualificação permitiu que jovens de diferentes origens socioeconómicas encontrassem caminhos de sucesso, promovendo inclusão e reduzindo o abandono escolar. A ligação à comunidade local tornou as escolas profissionais agentes de mobilidade social.

A componente prática, através de estágios e projetos reais, garante competências técnicas e sociais valorizadas pelos empregadores. Ao contrário de alguns mitos, o ensino profissional não limita o acesso ao ensino superior; muitos diplomados prosseguem estudos em cursos técnicos superiores ou licenciaturas, enriquecendo o ensino superior com experiência prática. O futuro do ensino profissional passa pelo reconhecimento social, inovação pedagógica e articulação com o tecido produtivo, consolidando-o como pilar do desenvolvimento nacional, essencial para setores estratégicos.

Escola Profissional
de Desenvolvimento Rural
de Alter Do Chão

Oferta formativa 2025/26

Cursos Profissionais
(a propor)

- Técnico de Gestão Equina
- Técnico de Produção Agropecuária
- Acompanhante de Turismo Equestre
- Técnico de Turismo Ambiental e Rural e Assistente de Arqueólogo

Cursos CEF:

Tipo 3

- Operador Agrícola
- Operador de sistemas de tratamento de águas

Tipo 2

- Sapador Florestal
- Tratador e desbastador de equinos.

Cursos de Especialização Tecnológica
(duração de 1 ano, nível 5), financiados (aguarda aprovação)

- Técnico Especialista em Ferração
- Técnico Especialista em Gestão Hoteleira e Alojamento
- Técnico Especialista em Turismo de Natureza e Aventura.

Coudelaria de Alter, Coutada do Arneiro • 7440-152 Alter do Chão • Tel.: 245612505 • Fax: 245612826 • e-mail: epdrac.escola@gmail.com

ESCOLA AERONÁUTICA / AWA, 17 ANOS A FAZER CRESCER ASAS

AWA – Aeronautical Web Academy, a Escola PT.ATO.005
AWAT – AWA Technics, Engenharia e Manutenção PT.CAO.051

O nosso lema, **"Saber Querer, Querer Saber e Saber Fazer"**, sintetiza o que a AWA faz em proveito de uma formação de qualidade.

Sem dilemas, sem rodeios, mostramos o que fazemos e quem somos aos candidatos que nos procuram, permitindo que tenham contacto com o nosso modelo de instrução, com as nossas instalações e aeronaves.

Depois das comparações naturais que são feitas na altura da escolha, o candidato torna-se nosso aluno, sendo preparado para a profissão escolhida com total envolvimento e dedicação.

Certo é que a AWA ultrapassou, já há alguns meses, a fasquia dos 1000 alunos, de vários cursos, mas com especial destaque para os alunos do Curso de Piloto de Linha Aérea (ATPL).

Executámos várias dezenas de milhares de horas de voo.

Não fazemos comparações, mas gostamos de ser comparados.

A nossa estrutura interna conta com os mais prestigiados profissionais, que poderá querer conhecer e trocar algumas ideias.

Contamos também, há cerca de 3 anos, com a nossa outra Empresa (AWA Technics), de Engenharia e Manutenção.

E se, por vezes, até temos surpresas em relação ao planeamento, por motivos que nos são alheios e que prejudicam o nosso desempenho, é porque somos uma Escola Real, que está sujeita a imprevistos, mas que resolvemos de forma séria e sem encurtar caminhos.

Claro que temos interesse em que os alunos façam a sua formação com a maior rapidez possível, mas sempre com o coração na segurança e a cabeça nos procedimentos.

Com mais de 17 anos de actividade é importante, de quando em vez, reflectir no impacto que temos na formação aeronáutica em Portugal. E aprender com os erros para assumir que podemos sempre melhorar.

Por isso fomos a única ATO que assumiu formalmente, em tempo, e perante a Autoridade que nos tutela, um numerus clausus anual. Para eviar alunos em excesso e para não comprometer o sucesso da formação, cientes que a nossa responsabilidade não existe só na altura da entrada dos candidatos, mas sim ao longo de toda a permanência na Escola.

A bem da formação de qualidade, da tranquilidade necessária à aprendizagem e do modelo de transmissão de conhecimento que nos caracteriza.

Onde estamos?

Estamos onde queremos. Sede em Lisboa e Operações de Voo no Aeroporto de Cascais (LPCS). Onde procuramos manter a estima e confiança dos nossos alunos e

respeitar as organizações que nos acolhem e nos ajudam, nesta nobre missão de formar profissionais de excelência. Estamos gratos pela forma profissional e dedicada como a AWA é diariamente auxiliada no Aeroporto de Cascais, desde os serviços de apoio, as Operações de Voo ou o serviço de Controlo de Tráfego Aéreo.

Salientamos ainda que nestes cursos, de piloto e de operações de voo, temos que dar tempo à assimilação de conceitos e ao aperfeiçoamento de procedimentos.

Ou seja, ensinamos explicando e voamos demonstrando.

Levar a que os alunos ultrapassem o professor.

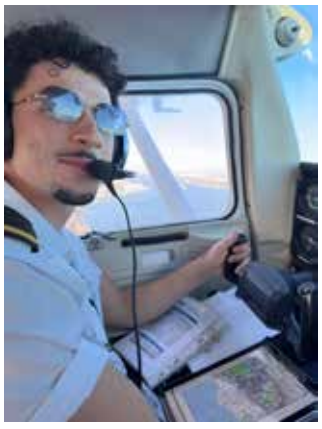
Motivar e conseguir que os alunos igualem o Instrutor de Voo.

É essa a nossa essência.

Temos muito para aprender, para partilhar e para contribuir, na formação de profissionais. Na nossa área, podemos falar em pleno emprego, pois as projeções que são veiculadas apontam uma empregabilidade na casa dos 100%. Não há alternativa, só existe crescimento económico com profissionais dedicados, e estes só existem com uma formação séria.

Por isso a AWA é hoje procurada por quem não pretende só rapidez, mas também aliar a esta a formação a coerência e a segurança inerente.

Venham conhecer-nos e reservem vaga nos nossos cursos pois são vagas anuais limitadas, com preços



contidos e garantia de excelente formação, assim os alunos o queiram.

Que faz a AWA?

Em síntese, forma profissionais na área da aviação, com foco nos OOV's e nos Pilotos, profissionais e privados.

Com a Sede em Figo Maduro, nas imediações do Aeroporto de Lisboa, onde temos grande parte das aulas teóricas e também um simulador de comunicações aeronáuticas.

Mas estamos também no nosso Hangar no Aeroporto de Cascais (H15), onde desenvolvemos as nossas operações de voo, temos instalado e certificado um simulador FNPTII/MCC (com ambiente de trabalho genérico ao nível do A320 e B737), e ainda as nossas áreas recentes de Engenharia e Manutenção.

Dispomos ainda de mais de 20 aeronaves na nossa frota orgânica, contando com Cessnas 150/152, Bimotor Tecnam P2006T, PA34, e aeronaves Bristell B23, para além dos icónicos GROB, com os quais a AWA iniciou as suas operações de voo.

À guisa de conclusão, refiro que a AWA faz parte do *Comité Executivo* da Campanha lançada pela ANAC em dez2024, "As Tuas Asas Começam Aqui".

Mas este capítulo fica para outra ocasião, ou para outro voo.

Renato Pinheiro
AWA/Accountable Manager

“GERAÇÃO DE 60”: DIANA ANDRINGA RESGATA A MEMÓRIA DOS QUE OUSARAM RESISTIR

Já está disponível nas livrarias “Geração de 60”, o novo livro da jornalista e documentarista Diana Andringa, que reúne cerca de uma centena de testemunhos de protagonistas da década que alterou profundamente o curso da história portuguesa contemporânea.

São 480 páginas que recuperam episódios esquecidos ou silenciados, confrontando a narrativa oficial da ditadura com as vozes daqueles que, muitas vezes na sombra, resistiram nas ruas, nas universidades, nas colónias, nos quartéis e até nos cárceres da PIDE.

O livro nasceu de um projeto inicialmente pensado para televisão, nos anos 80, e que acabou por nunca se concretizar. Diana Andringa concebera, então, uma série documental para a RTP sobre a geração que viveu os anos 60 sob ditadura. Mais de quatro décadas depois, a jornalista recupera esse impulso e dá-lhe corpo em formato editorial, cruzando depoimentos inéditos com documentos de época, numa abordagem que alia a investigação histórica à sensibilidade de quem viveu os acontecimentos por dentro.

A década de 60 é, para a autora, um momento de rutura e tomada de consciência. Um tempo em que o mundo se transformava, com o Maio de 68, os movimentos de libertação nacional, a contestação à guerra do Vietname e a luta pelos direitos civis, enquanto Portugal permanecia preso a um regime autoritário, conservador e repressivo. Através de testemunhos diretos e da reconstituição de acontecimentos marcantes, como a fuga de Peniche, as crises académicas de 1962 e 1965, o desvio do paquete Santa Maria, o Golpe de Beja, o assassinato de Humberto Delgado, a repressão nas ex-colónias e as cheias de 1967, o livro oferece uma leitura alternativa da História recente do país, centrada na experiência dos que ousaram pensar, agir e desafiar o medo.

“Foi uma desforra pela ignorância a que, então jovens, tínhamos sido condenados”, escreve a autora, que nasceu em Angola em 1947 e se radicou em Portugal em 1958. Diana Andringa viveu em primeira mão o ambiente opressivo da ditadura. Em 1970 foi presa pela PIDE, acusada de envolvimento com movimentos anticoloniais. Abandonou o curso de Medicina para se dedicar ao jornalismo e construiu uma carreira que passou pela imprensa escrita, rádio e televisão. Trabalhou no Diário de Lisboa, Diário de Notícias, RDP e RTP, sendo reconhecida hoje como uma das vozes mais lúcidas do jornalismo português. Desde 2001 dedica-se sobretudo à realização de documentários, com especial foco na memória histórica e na descolonização.

Entre as suas obras anteriores destacam-se os documentários Tarrafal: Memórias do Campo da Morte Lenta (2006), Operação Angola: Fugir para Lutar (2015) e O Tempo e o Lugar (2023), bem como os livros Funcionários da Verdade (2014) e Joaquim Pinto de Andrade: Uma quase autobiografia (2017).

Com Geração de 60, Diana Andringa reafirma o seu compromisso com uma História feita de múltiplas vozes, longe dos silêncios impostos pelo medo e pela censura. A obra é publicada numa altura em que o debate sobre a memória da ditadura e da resistência antifascista volta a ganhar atualidade — não apenas como evocação do passado, mas como reflexão sobre o presente e os desafios à democracia.

O SÍTIO CERTO
PARA TODAS
AS EMOÇÕES

PROENÇA -A- NOVA

POR TUG AL

MIRADOURO DAS #TALHADAS
DE ÁLVARO SIZA VIEIRA

LOJA ONLINE www.proencanovaorigem.pt

O CONVITE
QUE LHE FAZEMOS
É ESPECIAL

Município Proença-a-Nova

www.cm-proencanova.pt

www.herdadedacontenda.pt

Herdade da Contenda

Uma Paisagem de Referência na Raia

moura
câmara municipal

Moura
Terra Mãe
Azeite do
Alentejo

Herdade da Contenda